

CONTRAPONTO NO DISCURSO SOBRE LEITURA NO CONTEXTO ESCOLAR: OS ALUNOS LEEM

VERÔNICA MARIA ELIAS KAMEL (UNIVERSIDADE FEDERAL DO ACRE).

Resumo

O presente trabalho objetiva apresentar resultados preliminares do projeto intitulado “Práticas de leitura nas aulas de Língua portuguesa do 5º e 7º anos do ensino fundamental”. Essa pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental, do município de Rio Branco, estado do Acre, e tem o intuito de investigar os modos de ler e de falar sobre a leitura na escola, enquanto práticas desenvolvidas pelos sujeitos da educação (alunos e professores). Nossa intenção é melhor compreender o que os discursos desses sujeitos revelam sobre as práticas de leitura no contexto escolar e de que maneira contribuem para a formação de leitores. Para tanto, realizamos entrevistas com professores e alunos do 5º e 7º anos do ensino fundamental. Para nortear a nossa pesquisa nos pautamos pela concepção de linguagem enquanto atividade dialógica, como mediação necessária entre o homem e a realidade natural e social. Adotamos, nessa pesquisa, os princípios teóricos de correntes lingüísticas de abordagens enunciativo–discursivas que, no geral, assumem a linguagem como espaço de interlocução entre sujeitos socialmente localizados num tempo e num lugar determinados. Assim, construiremos nossa análise escutando o discurso de alunos e professores acerca do ensino de leitura, a fim de compreender os sentidos contidos nele. Palavras–chave: Contexto escolar, discurso, leitura.

Palavras-chave:

Contexto escolar, discurso, leitura.

Introdução

O objetivo deste trabalho é apresentar resultados preliminares do projeto intitulado *Práticas de leitura nas aulas de Língua portuguesa do 5º e 7º anos do ensino fundamental* [1] . Essa pesquisa está sendo desenvolvida em uma escola pública de ensino fundamental, do município de Rio Branco-AC, e tem o intuito de investigar os modos de ler e de falar sobre a leitura na escola, enquanto práticas desenvolvidas pelos sujeitos da educação (alunos e professores). Nossa intenção é melhor compreender o que os discursos desses sujeitos revelam sobre as práticas de leitura no contexto escolar e de que maneira contribuem para a formação de leitores. Para tanto, gravamos e transcrevemos aulas da disciplina de Língua Portuguesa; realizamos entrevistas com professores, que ministram a disciplina de Língua Portuguesa, e alunos do ensino fundamental a fim de conhecer para verificar a prática efetiva dos professores desse nível de ensino.

Adotamos, nessa pesquisa, abordagens teóricas enunciativo-discursivas que, no geral, assumem a linguagem como espaço de interlocução entre sujeitos socialmente localizados num tempo e num lugar determinados. Dessa forma, não podemos deixar de citar a influência das reflexões de Bakhtin (1992), pois, em sua obra, o autor concebe a linguagem como um “processo de interação verbal entre indivíduos socialmente situados” e atribui um lugar de

destaque à enunciação, enquanto realidade da linguagem, elegendo o enunciado – “unidade real da comunicação verbal” (BAKHTIN, 2000: 293) – como objeto de estudo. Sob essa perspectiva, a interação verbal entre indivíduos realiza-se através de enunciados. Bakhtin (2000: 291) considera ainda que a relação entre enunciados é característica do princípio dialógico, pois “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados”. Além das idéias desse autor, consideramos, também, outras noções advindas da escola francesa de Análise de Discurso, em que o texto é visto como um discurso inacabado e incompleto, que se constrói na relação entre autor/leitor mediado pelo texto, que, por sua vez, se relaciona com outros textos, outros discursos. Tudo isso faz da leitura uma produção que exige interação.

Construiremos nossa análise, portanto, escutando o dizer de alunos e professores acerca do ensino de leitura. Nosso intuito é compreender como esses sujeitos vêem o ensino de leitura nas escolas. Buscaremos escutar no dito o não dito, mas que foi dito em outro lugar, levando em conta a relação que se estabelece entre um discurso e outro. Segundo Orlandi (2001: 60), “com esta escuta o analista poderá ouvir, naquilo que o sujeito diz, aquilo que ele não diz, mas que constitui igualmente os sentidos de ‘suas’ palavras”.

Leitura no contexto escolar: entrecruzando discursos

A questão da leitura no contexto escolar será discutida tanto pela análise do discurso de professores e alunos como através de um diálogo com outros textos que mostraram resultados dessa pesquisa. Além de textos teóricos que tratam da leitura.

Levando em conta que as práticas de leitura acontecem em contextos institucionais e não institucionais, mas, tradicionalmente, é imputada à escola, especificamente, aos professores de língua portuguesa, a responsabilidade pela formação de leitores, visto ser uma de suas funções ensinar o aluno a ler e a escrever, é que resolvemos verificar os discursos que ocorrem nesse espaço.

O professor, ao ensinar leitura no 3º e 4º ciclos do ensino fundamental, parte do princípio que o aluno sabe ler, e desenvolve práticas de leitura com fins

avaliativos. Pelo que foi observado, na prática de sala de aula, ou a leitura se resume a um momento de avaliação, em que o professor observa a entonação do aluno, a dicção etc; ou a leitura de textos é utilizada para atividades meramente gramaticais. Essas questões já foram detectadas por vários autores, a exemplo de Sousa (2002), e como percebemos, muitos anos depois a prática de sala de aula continua a mesma.

Tanto que a maioria das transcrições das aulas gravadas é composta por aulas de gramática normativa. O mais contraditório é que, mesmo durante essas aulas, o próprio professor afirma a importância da leitura, como no trecho a seguir:

P: ((incompreensível)) pessoal... ((incompreensível))as regras...essas regras... é::: são regras de concordância... simplesmente... claro que as vezes alguém dirá... aí quer que eu decore... claro que não dá de decorar tudo... a melhor coisa pra entender... pra saber como pode fica boa a concordância... pra fazer tanto a de verbo como a de nome... é ler e escrever... a prática da leitura e escrita... tá... isso vocês vão ter que adquirir com tempo... mas... vamos prestar atenção... vamos lá... a primeira regra diz o seguinte...

Como vemos, o professor apresenta um discurso incoerente, ao priorizar o ensino da gramática, sem que haja uma ligação com contextos reais de interação verbal, mas afirma que só é possível a aprendizagem através da *prática de leitura e escrita*. Esse tipo de atividade em nada desenvolve a leitura dos alunos.

Ocorre que esse sujeito, o professor, assume, dentro da escola, a função de ensinar o aluno a ler, mas nem sempre esse objetivo é atingido, porque sua prática não possibilita ao aluno a construção de sentidos para o texto, que passa a ser visto como algo enfadonho pela falta de compreensão e a leitura passa a ser uma “obrigação” – imposta pelo professor – que o aluno cumpre para ganhar nota. Dessa forma, torna-se comum a “queixa” da maioria

dos professores, principalmente, de língua portuguesa, de que seus alunos não gostam de ler, não se interessam por leitura, não têm o *hábito de ler*. Essa idéia é recorrente no discurso da maioria dos professores investigados. O enunciado seguinte representa bem esse discurso:

Infelizmente quase a totalidade dos meus alunos não gostam de ler, não apresentam interesse pela leitura e não possuem hábitos de ler. Isso interfere nas atividades de leitura e interpretação de texto, pois o aluno tem “preguiça” de ler e fica entediado só em falar da palavra leitura. (sic)

Paradoxalmente, esses professores esquecem o lugar que ocupam, de que lugar estão falando, ou seja, do lugar de formadores de leitores, de sujeitos responsáveis pelo ensino da leitura, responsabilizando o aluno pelo seu próprio fracasso enquanto leitor.

Considerando a perspectiva da escola francesa de análise de discurso, em que o texto é visto como discurso, marcado por sua incompletude, portanto, a leitura é produzida, partimos do pressuposto de que as práticas de leitura desenvolvidas nas aulas de língua portuguesa, continuam contribuindo, minimamente, para a formação de alunos leitores, porque têm como norte concepções de leitura que privilegiam apenas a decodificação e a busca do sentido único para o texto e, principalmente, porque, na maioria das vezes, o texto continua sendo utilizado apenas como pretexto para outras atividades.

Essa perspectiva de abordagem do texto, consolidada pela Análise de Discurso, considera o texto como a realidade linguística onde os sentidos se materializam, pois tem como objeto teórico de estudo o discurso, enquanto o texto apresenta-se como objeto empírico. Sob essa perspectiva, o discurso é um acontecimento que é, ao mesmo tempo, sócio-histórico, linguístico e ideológico e o texto é o lugar da materialidade dos sentidos. Logo, ler é construir sentidos para o texto a partir das suas condições de produção. Para essa teoria, refletir sobre o texto é apreender o seu sentido, que acontece na

interação entre o texto e o leitor, que reconstrói não o sentido dado pelo autor do texto, mas produz dialogicamente um sentido para o texto. Sobre essa temática, Orlandi (2001: 87) diz que:

o texto não pode assim ser visto como uma unidade fechada pois ele tem relação com outros textos (existentes, possíveis ou imaginados), com suas condições de produção (os sujeitos e a situação) e com o que chamamos exterioridade constitutiva, ou seja, o interdiscurso, a memória do dizer (o que fala antes, em outro lugar, independentemente).

Ora, se todo texto tem relação com outros textos, com suas condições de produção e com a exterioridade constitutiva, o sentido de um texto não pode ser único. Pelo contrário, dado o seu caráter de incompletude, gerada por toda espécie de implícitos, os sentidos são múltiplos.

Discurso do professor X discurso do aluno

No discurso do professor vimos um discurso muito positivo com relação à importância atribuída à leitura, nas entrevistas coletadas, não foi diferente, como podemos perceber nos seguintes enunciados:

- 1. A leitura é a base. Sem a prática da leitura, o trabalho realizado nas diversas áreas (inclusive nas exatas) torna-se difícil de avançar.*
- 2. De grande importância, pois só se tem conhecimento através da leitura.*

A virtuosidade da leitura enquanto fonte de conhecimento e iluminadora de caminhos para o saber é enaltecida, porém, em contraste com esse tom positivo sobre a leitura, vemos um discurso negativo dos professores com relação ao aluno enquanto leitor. Vejamos:

- 1. Em geral os alunos lêem pouco, devido a esse fator apresentam dificuldade de interpretação dificultando no segmento da disciplina.*

São constantes as reclamações dos professores acerca do desinteresse dos alunos pela leitura, tal fato está refletido no discurso de outros professores investigados, como pode ser visto a seguir:

a) Como você concebe seu aluno em relação à leitura? Você acredita que ele lê com frequência? Ele apresenta dificuldades de compreensão de textos? Em que aspectos isso interfere no andamento da disciplina?

1. *Infelizmente, são poucos os alunos que possuem o hábito de ler. Isso dificulta a compreensão de textos, pois quem não lê, acaba tendo uma visão muito restrita do mundo.*
2. *Os alunos infelizmente não têm o hábito de leitura.*
3. *Trabalho na escola há pouco mais de um ano, mas a realidade é a mesma de muitas outras escolas: muitos alunos rejeitam os trabalhos com leitura e conscientizá-los da importância dessa prática não é tarefa fácil. Alguns chegam ao ponto de esquecer ou perder os livros paradidáticos oferecidos para leitura, como ocorreu no 1º semestre do corrente ano. Por outro lado, há aqueles que sentem prazer em ler e estão sempre à procura de novas leituras. Alguns alunos apresentam dificuldades de compreensão decorrentes da pouca leitura, o que dificulta o trabalho.*

Ao afirmar que os alunos não leem ou leem pouco, a professora entra em confronto com o discurso dos próprios alunos, pois, quando perguntamos a eles sobre sua frequência de leitura, obtivemos respostas muito positivas:

1. *... todos os dias.*
2. *Eu leio por prazer, porque é uma coisa que eu gosto de fazer muito no meu dia-a-dia.*

O que acontece é que os textos lidos com frequência pelos alunos não são os legitimados pela escola, como vemos a seguir:

1. *Eu gosto de ler gibis de desenho animado como Homem-aranha, Liga da Justiça, etc.*
2. *O que mais gosto de ler são histórias infantis.*
3. *A casa da madrinha é um livro de 400 folhas e eu estou acabando de ler ele.*

Essas constatações nos revelam que os alunos leem e se consideram, não raras vezes, leitores vorazes que são capazes de expor suas preferências. Mas, esses mesmos alunos-leitores nos revelam uma lamentável realidade: não sentem prazer nas leituras realizadas para a escola. Isso ficou comprovado quando responderam a pergunta “Você lê por prazer ou por obrigação?”:

1. *Os dois, quando eu vejo um texto que eu goste eu vou lá e leio com prazer, mas quando estou na aula de português, as vezes eu leio por obrigação.*
2. *Às vezes porque eu quero e às vezes por obrigação, que os professores mandam.*

Observamos, através desses discursos e das transcrições das aulas, que a leitura na escola, para grande parte dos alunos, não está associada à atividade de compreensão do texto, produção de um sentido que se constrói através do diálogo entre os interlocutores (autor/leitor) e da relação que se estabelece entre os discursos que permeiam o texto, mas sim à necessidade de cumprir uma tarefa imposta pelos professores. Ora, sabemos que o leitor sempre está em busca de algo que o interesse, que lhe traga prazer, que mate a sua curiosidade e, pelo que foi verificado nas práticas de professores e alunos em sala de aula, isso não está acontecendo através das leituras realizadas na escola.

Considerações finais

Embora tenhamos percebido o interesse dos professores em desenvolver atividades de leitura com gêneros discursivos variados, conforme preconizam os documentos oficiais (DCN, PCNs, PPP), o que de fato o discurso e a prática de sala de aula de professores e alunos investigados revelaram foi que o ensino de língua portuguesa e, principalmente, o de leitura, grosso modo, ainda permanece dentro dos moldes tradicionais: leitura e interpretação de fragmentos de textos; leitura de textos como pretexto para outras atividades, principalmente, para o ensino de gramática etc.

Sendo assim, acreditamos que as práticas de leitura utilizadas nas escolas não estão sendo “atrativas” para o aluno. Acreditamos que, se o professor mostrasse, de fato, a importância da leitura para o aluno, estabelecendo relações com outros textos, levando o aluno a compreender e a construir sentidos para o texto, o aluno se envolveria com a atividade de leitura realizada na escola. Afirmamos isso com base nas observações das práticas de sala de aula e, principalmente, nas declarações dos alunos que dizem gostar de ler, mas também percebemos que o gostar de ler para o aluno é “burlar” a leitura oferecida pela escola e buscar leituras pouco desenvolvidas no contexto escolar, principalmente, as histórias em quadrinhos, pois, para o aluno, são: *“Histórias divertidas, muito legais. Em casa eu gosto de ler gibis..”*.

Percebemos, através dessa pesquisa, que as práticas de leitura no contexto escolar devem mudar. Nas atividades de leitura, o professor deve levar em consideração, principalmente, a relação que se estabelece entre os sujeitos (autor/leitor), sócio-históricos e ideologicamente situados. Enfim, há uma necessidade de atualização das práticas de leitura nas escolas de ensino básico, de modo que venham priorizar atividades de leitura que contemplem a diversidade de gêneros discursivos presentes em nossa sociedade e que façam a leitura dos textos na íntegra.

É interessante ressaltar, também, que as práticas de leitura no ambiente escolar não podem ignorar as mudanças ocasionadas pelo texto eletrônico, tanto é que um aluno declarou: *“Só gosto de ler o que está na internet”*. Como afirma Chartier (2002), “a revolução do texto eletrônico é, de fato, ao mesmo tempo, uma revolução da técnica de produção dos textos, uma revolução do suporte do escrito e uma revolução das práticas de leitura”.

Sabemos que atualmente há uma “exigência” em relação à leitura, então o papel da escola é preparar esse leitor. Mas o que é ensinar a ler? É levar o aluno a perceber, no texto, marcas que podem apontar para outras leituras e outros sentidos, estabelecendo relações com outros textos.

Reafirmamos (Kamel, 2006) que para que, de fato, se efetivem mudanças no ensino de língua portuguesa, é necessário que o licenciado em

Letras tenha uma formação acadêmica em que se privilegiem estudos de correntes teóricas que têm como foco abordagens enunciativo-discursivas, possibilitando-o tornar-se um professor de Língua Portuguesa com um olhar diferenciado sobre esse ensino. Consciente do seu fazer pedagógico, esse profissional deve assegurar um ensino eficiente para os alunos do ensino básico (infantil, fundamental e médio), na medida em que assume a responsabilidade por ensinar a outros sujeitos a ler e a escrever com o objetivo de formar um cidadão consciente de suas práticas sociais.

Referências

BAKHTIN, Mikhail. **Marxismo e filosofia da linguagem**. 6. ed. São Paulo: Hucitec, 1992.

_____. **Estética da Criação Verbal**. 3. ed. São Paulo: Martins Fontes, 2000.

CHARTIER, Roger. **Os desafios da escrita**. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

KAMEL, Verônica Maria Elias. **Discurso sobre o ensino e a aprendizagem de Língua Portuguesa**: um estudo a partir de textos produzidos por acadêmicos do Curso de Letras. Tese (Doutorado em Letras), UFPB, João Pessoa, 2006.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso e texto**. Campinas, SP: Pontes, 2001. SOUSA, Maria Ester Vieira de. **As surpresas do previsível no discurso de sala de aula**. João Pessoa: Ed. Universidade Federal da Paraíba, 2002.

[1] Pesquisa desenvolvida pelo Grupo de Estudos em Análise de Discurso e Ensino de Línguas – GEADEL/UFAC, acerca das práticas de leitura nas aulas de língua portuguesa do ensino fundamental, por mim coordenada, com a relevante participação de professores e alunos do Curso de Letras.